



A CTAS DA VI REUNIÃO INTERNACIONAL DE CAMONISTAS

Seabra Pereira
Manuel Ferro
Coordenação

Amélia Pinto Pais

Professora do Ensino Secundário

ALGUNS PRESSUPOSTOS PARA UMA DIDÁCTICA DE *OS LUSÍADAS* NO ENSINO SECUNDÁRIO

É com satisfação que saúdo o facto de, no âmbito desta VI Reunião Internacional de Camonistas, ter sido decidido, pela Comissão Organizadora, a organização desta mesa redonda sobre Didáctica dos textos camonianos no Ensino Secundário.

Dito isto, devo desde já afirmar que tudo o que eu tenho feito, no domínio que nos interessa, se deve a uma paixão pela obra de Camões, que me vem desde o meu 1º contacto – feliz – com *Os Lusíadas*, guiada pelo meu antigo professor do Liceu, o Dr. Luís Simões Gomes – paixão essa que, posteriormente se viu reforçada pelo contacto com quantos sobre a sua obra escreveram – muitos dos quais pudemos ver e ouvir nesta Reunião¹; esta paixão de que falo foi por último reforçada ainda pela prática de 30 anos como professora do ensino secundário. Ensinar *Os Lusíadas* e Camões tem sido uma contínua prática de fazer amada a obra de todos nós, *lusíadas*, sucessivamente lida, relida e susceptível de novas leituras.

“E, pera dizer tudo, temo e creio
que qualquer longo tempo curto seja;
Mas, pois o mandas, tudo se te deve,
Irei contra o que devo, e serei breve.” *Lus.*, III, 4

Estas são palavras de Vasco da Gama na sua Introdução de resposta ao rei de Melinde.

Tratar da didáctica d’*Os Lusíadas* levar-nos-ia longo tempo, não compatível com os limites estreitos desta mesa-redonda. Por isso, tal como o Gama, «*irei contra o que devo e serei breve*»... um pouco mais do que Gama que, como sabemos, proferiu o seu breve discurso em 3 cantos, num total de 233 estrofes e meia, ou seja, 1868 versos...

Devo, pois, ficar-me por pouco mais do que designei de “alguns pressupostos para uma didáctica d’*Os Lusíadas*” – porventura verdades sabidas e evidentes, mas que convém recordar, pois sobre elas se entenderão as escolhas que o acto de ensinar forçosamente implica.

¹ Não havia, durante os meus estudos universitários, concluídos há 30 anos nesta Universidade de Coimbra, qualquer cadeira de Estudos Camonianos, nem o estudo de Camões integrava as cadeiras trienais de Literatura Portuguesa.

É minha convicção que, para ensinar bem uma obra desta ou mesmo de outra natureza, é necessário **conhecê-la, entendê-la** convenientemente e **amá-la**, o que constitui, a meu ver, os pressupostos mínimos necessários à sua didáctica.

Assim:

1. Conhecer bem *Os Lusíadas* é:

– **Saber contextualizar a obra e o autor na sua época** (ou seja, conhecer o seu contexto histórico-cultural, os códigos literários e ideológicos em vigor e os seus destinatários imediatos);

– **entender o texto do Poema e identificar as suas grandes linhas de força, a sua arquitectura e estrutura, a sua ligação ao tempo histórico** (no caso vertente, o carácter interventor do autor, presente na chamada linha da Moral e na concepção providencialista da História - difundir a Fé);

– **entender bem a importância da voz / vozes que nos ‘fala(m)’ no Poema**: a do autor / narrador e as de personagens / vozes como Baco, Velho do Restelo e Adamastor – um autor que procura agir, intervindo no seu tempo – de tristeza – em busca de um outro tempo – de glória e ‘novo canto’;

– **entender a importância do amor** ‘sublime’ e do **erotismo** na mundividência do autor e do seu Poema;

– **conhecer as leituras do poema ao longo dos tempos e na actualidade** – o porquê, o quando e o como Camões vem sendo lido (estética da recepção);

– **entender o Poema, finalmente, como ‘canto iniciático’² e como obra ‘exemplar’**: um poema ‘pedagógico’ em que um Eu (do autor) se faz sujeito que propõe, celebra, ‘mostra’ a um Tu (o Rei) como, recolhendo a ‘lição’ da história do passado – entendida como heróica – é possível sair da «vil tristeza» presente e retomar o fogo épico, recuperando a grandeza e atingindo a glória de ser recebido como herói «esclarecido» na Ilha que Vénus lhes destina;

2. Para tal, afigura-se-me indispensável que desta VI Reunião Internacional de Camonistas saia uma recomendação às Universidades Portuguesas no sentido de que em todos os *curricula* das Faculdades de Letras ou de Humanidades, que ainda a não incluem, figure uma cadeira de Estudos Camonianos, de frequência obrigatória para os estudantes dos cursos de Línguas e Literaturas Clássicas e Línguas e Literaturas Modernas – variantes incluindo o Português.

3. É óbvio que entendo dever ser prestada atenção a que o ensino d’*Os Lusíadas* continue a ser obrigatório nos *curricula* do Ensino Básico (3ºCiclo) e Secundário. Julgo dever esse ensino ser feito gradualmente e por etapas:

– **Iniciação / acesso através da leitura ‘amigável’** de versões em prosa, a partir, pelo menos, do 8ºano (já recomendada nos actuais programas de Português de 8ºano);

– **leitura ‘abrangente’**, isto é, capaz de fornecer as linhas mestras da compreensão do poema e dos seus principais episódios, tendo em conta o nível etário e cultural dos alunos, no 9ºano (que deste ‘estudo’ não resulte a ideia errada de que *Os Lusíadas* são um somatório de episódios ou aspectos diversos sem unidade interna);

– **leitura mais cuidada e aprofundada** da arquitectura / estrutura / linhas de força ou vectores ideológicos, bem como apreciação da linguagem e estilo, num dos anos

² Cf. Helder Macedo, *Camões e a viagem iniciática*, Lisboa, Moraes, 1980.

do Ensino Secundário, como se prevê no Reajustamento de Programas a entrar em vigor em 1997 - 98, recentemente homologado.

4. Destes pressupostos resulta que, para mim, ensinar *Os Lusíadas* é:

– Ensiná-los como obra **narrativa de carácter épico** destinada a ‘cantar’, celebrar um povo e uma civilização – a europeia; [Proposição-linha da Viagem de Lisboa à Ilha dos Amores-linha da oposição];

– como **obra ligada a uma concepção do universo e do Homem** própria do Renascimento, sem esquecer, contudo, a ligação a alguns conceitos medievais; [o Homem, sujeito da história, suplantando a ‘fraqueza’ e ‘divinizando-se’; um ideal de ‘virtú’ renascentista e portuguesa – linha da moral / Ética – a linha do saber e da Ciência, mas, por outro lado, também a linha da Fé; uma obra que se quer ‘exemplar’ por parte de um ‘cantor, narrador interventor’; de onde a importância da Dedicatória-apelo e do Apelo final];

– como **obra de reflexão sobre a História e o seu sentido** e sobre o papel do Homem no ‘fazer da História’; [oscilando, portanto, entre os pólos da linha da Fé – visão providencialista da História portuguesa – e a linha da celebração épica, da Proposição ao Adamastor e à Ilha de Vénus];

– como **obra de amor**, entendido como força ‘que move o céu e as estrelas’ e eterniza o Homem, divinizando-o em Ilhas de Sonho e proporcionando-lhe o Saber e o Conhecimento.

Como meta final a atingir no Ensino Secundário, que os alunos possam concluir:

– Que *Os Lusíadas* são um poema importante (pela arquitectura, estrutura e linhas de mensagem);

– que são também um poema muito bonito numa língua que Camões soube tornar muito bonita,

– que neste Poema é particularmente importante a consideração de **três tempos**:

O TEMPO PASSADO (tempo épico)

Plano da acção secundária: HISTÓRIA DE PORTUGAL

– Sentido geral desta História passada: dilatar a Fé (III, 20+VII, 2-14+X, 91-142).

– Uma História de heróis militares (Afonso Henriques, Afonso IV, D. João I, Nun’Álvares) que, ajudando e vencendo Marte, venceram os ‘inimigos’ – castelhanos, Mouros e, mais tarde (profecias, sobretudo, do canto X) os ‘infiéis’ - hindus e muçulmanos.

– ... de heróis que amaram bem, não submetendo o espírito ao corpo («*baxo amor que os fortes enfraquece*»), nem sobrepondo os interesses materiais, egoístas, ao bem da Pátria, do Rei.

Assim, **nesse passado que se exalta**, os *Portugueses honraram Marte e Vénus*, merecendo, portanto, ser celebrados pelo canto (forma de se libertarem da «*lei da Morte*») e ‘divinizados’ por Vénus na sua Ilha (c. IX, X).

Neste contexto geral adquirem particular importância as **referências a ‘milagres’** (Ourique, aclamação de D. João I por uma menina, «*ante tempo falando*» – 4º, 3) e a **narração de batalhas** (Ourique, Salado, Aljubarrota e, no plano das profecias, guerras na Índia em tempo de vice-reis - dilatando a Fé e retomando a missão interrompida de S. Tomé) e os **episódios amorosos** (amores ‘altos’, dignos – Fermosíssima Maria, Inês de Castro ou amores ‘baxos’ – D. Fernando). [em matéria de amor tudo Camões compreende, mesmo as fraquezas – «*Mas quem pode livrar-se porventura / Dos laços que*

amor arma brandamente» – III, 142 – na verdade **só não perdoa a quem é insensível ao amor** – Afonso de Albuquerque, por ex., X, 45 e ss].

Plano da acção central: A VIAGEM DE V. DA GAMA

O tempo passado é também o **tempo épico** por excelência da **VIAGEM das viagens, a viagem iniciadora ou iniciática de Vasco da Gama**. Na narração desta viagem vem provar-se que é possível «*passar inda além da Taprobana*», indo para além «*do que prometia a força humana*», a qual, como se acentua no final do C. I, é a de um ser infinitamente pequeno, «*bicho da terra tão pequeno*», contra quem se «*indigna e arma o Céu sereno*» – enfrentando e ultrapassando todas as más vontades de Velho(s) do Restelo, descrentes das possibilidades do Homem; de Baco, voz dos povos do Oriente; de Adamastor(es); de africanos, de hindus e ‘gentios’; e ultrapassando também tempestades, traições, a saudade, o desânimo, a aparente indiferença da Providência, a doença – todos os males e entraves que Neptuno (que não quer ser submetido) põe no seu caminho [linha da **OPOSIÇÃO**].

Assim, **nesse ano e nesse mar de todos os perigos**, se atinge o objectivo primeiro – a Índia – e se «*fica vendo, como de alto assento, o baxo trato humano embarçado*» (VI, 99); porque penetrou os «*vedados términos*», Vasco da Gama se agiganta e tem direito a um **prémio** – todo ficcionado, porque, na realidade, a pátria não sabe recompensar os seus filhos³ – essa, a realidade, é ‘desconcertada’, ‘sem razão’ como bem sabíamos da Lírica camonianiana – **o prémio que Vénus reserva aos que amam bem** – a satisfação erótica e o conhecimento (*a gnose*) própria dos deuses – o Saber, prémio máximo da vitória sobre os deuses e o Céu sereno.

O TEMPO PRESENTE (tempo de desencanto, tempo anti-épico, de «vil tristeza»)

Mas se *Os Lusíadas* são a celebração do esforço humano, da vitória sobre os deuses e os elementos, **a verdade é que todos esses heróis são já, no tempo da escrita do poema, heróis passados**, capazes de servir de exemplo de heroicidade e ‘virtú’ aos contemporâneos.

Daí a **importância da LINHA DA MORAL** – Camões, poeta interventor contra a “pequenez” dos seus contemporâneos [já denunciada amplamente por Gil Vicente e outros] **que amam “mal”**

- desprezam e perseguem os artistas
- se entregam ao luxo, aos vícios
- são adúladores, corruptos, tiranos
- exploram o povo

O TEMPO FUTURO (tempo de expectativa épica)

[Ver principalmente a “Dedicatória” e a “Conclusão”: apelo a D. Sebastião]

Os Lusíadas são, assim, também:

Um alerta para a austera, apagada e vil tristeza em que o país está mergulhado [cf. poema “NEVOEIRO” de Mensagem – F. Pessoa].

Que fazer? – A conclusão – apelo:

Partir para um novo feito glorioso que poderá vir dar origem a um *novo Canto*.

³ Na realidade, os nautas não recebem, no plano do real, qualquer recompensa; pelo contrário, são eles que «*a sua pátria e rei temido e amado / O prémio e glória dão por que mandou, / E com títulos novos se ilustrou*» (X, 144).

Por isso, agora que o Rei pôde ver que, afinal, o Poeta não é assim tão «*humilde, baxo e rudo*», visto ter demonstrado que era senhor de «*honesto estudo, com longa experiência misturado*» e também possuir *engenho*, ele se permita dar conselhos ao Rei e fazer-lhe um apelo final no sentido de reinar correctamente (ele é senhor «*só de vassallos excelentes*») e de “cumprir o seu destino” e partir em busca, como diria Pessoa, em 1912, de uma Índia nova.

Antes de terminar, permitam-me ainda duas ou três ‘coisas’ que me parece oportuno lembrar:

1. Alguns “erros” a evitar:

– As leituras parcelares, fragmentadas - por ex.: só os episódios amorosos, só os bélicos, só os míticos – desligados da necessária visão de conjunto [o risco maior em que os Programas ‘novos’ podem fazer incorrer];

– Fazer da leitura d’ *Os Lusíadas*, do texto, um pretexto para mais ou menos enfadonhos exercícios gramaticais, ou caça à figura de estilo ou de detecção de elementos da diegese... e outras torturas quejandas, capazes de fazer perder o gosto pela leitura [não fará mal inquietar-se um pouco com o livro de Daniel Pénnac, *Como um romance*, ed. ASA] – lembremo-nos dos versos de Augusto Gil: «*Mas às crianças, Senhor, / porque lhes dais tanta dor / porque padecem assim?*»

2. Algumas precauções a tomar:

– Certificar-se de que os alunos sabem o que é uma obra narrativa e também de alguns conceitos básicos de análise da narrativa;

– Certificar-se que conhecem a época histórica dos Descobrimentos e um pouco do que foi o Renascimento europeu;

– Certificar-se de que já conhecem a noção de épico [o programa do 8º ano aconselha a mandar-se ler uma versão em prosa d’ *Os Lusíadas*; eu acrescentaria a *Odisseia* ou a *Eneida*, em alternativa ou em complemento]; por outro lado, os alunos estão familiarizados com filmes ‘épicos’, tipo Excalibur, Superman, etc;

– Certificar-se de que os alunos sabem manusear o livro, as notas, os esquemas existentes, etc... (o tal namorar o livro de que costumo falar...).

3. Alguns recursos e actividades possíveis e desejáveis:

– Leituras - silenciosa, expressiva, dramatizada;

– Resumos, sínteses, leitura de esquemas;

– Debates/composições;

– Confrontos intertextuais;

– Ilustrações de episódios, B.D., trabalhos de pesquisa - ex: como eram as viagens no séc. XVI - a preparação, os mantimentos, as cerimónias de despedida, quem ia a bordo, os intérpretes, as prendas para oferecer; o mundo dos deuses gregos; a moda no séc. XVI, etc.;

– Pôr *Os Lusíadas* em música,

Os professores são – têm de o ser forçosamente – seres extraordinariamente criativos e, por isso, vou terminar citando Santo Agostinho, que dizia: *Ama, e faz o que quiseres!* - neste caso: Amem *Os Lusíadas* e Camões e, depois, façam o que quiserem!